

A construção de um dicionário histórico: o caso do *Dicionário Histórico do Português do Brasil* — séculos XVI, XVII e XVIII

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Araraquara (Brasil)

jtm.jau@uol.com.br

Recibido o 02/07/2013. Aceptado o 13/10/2013

Resumo

O projeto *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII* (DHPB) (CNPq), concluído em dezembro de 2012 com uma nomenclatura de 10.470 entradas, foi elaborado a partir de banco de dados constituído por documentos de gênero e natureza variados, localizados nos séculos XVI, XVII e XVIII do período do Brasil colônia. Os textos selecionados para o banco foram produzidos no período mencionado por portugueses que vieram para o Brasil ou por aqueles que já no país haviam se fixado. Este banco registra, aproximadamente, 10 milhões de ocorrências. Neste artigo, apresenta-se o percurso teórico-metodológico que foi construído para o DHPB e as opções e soluções que foram estabelecidas para explicar determinados fatos linguísticos presentes no banco de dados e que mereceram ser inseridos num dicionário histórico que buscou registrar o repertório lexical que deu origem ao português do Brasil.

Palavras-chave

Lexicologia, lexicografia, definição lexicográfica, verbe-
te, contexto histórico, história colonial brasileira

Sumário

1. Introdução. 2. O banco de dados e sua organização. 3. Teoria e método. 4. Opções e soluções metodológicas. 4.1. Palavra-entrada. 4.2. Homonímia. 4.3. Datação. 4.4. Definição lexicográfica. 4.5. Fraseologismos. 5. Conclusão.

Building a historical dictionary: the *Historical Dictionary of Brazilian Portuguese in the 16th, 17th and 18th Centuries*

Abstract

The *Historical Dictionary of Brazilian Portuguese in the 16th, 17th and 18th Centuries* (CNPq) project concluded in December 2012. Containing 10,470 entries, the dictionary was built from a data bank based on documents of different types from the sixteenth to eighteenth centuries within the Brazilian colonial period. The texts chosen for the bank were produced in this period by Portuguese who came to Brazil or were already residing there. The data bank lists nearly 10 million occurrences. This article describes the theoretical and methodological procedures developed for DHPB and the approaches taken to account for linguistic facts in the data which were worth recording in a historical dictionary aiming to document the lexical repertory that gave rise to Brazilian Portuguese.

Keywords

Lexicology, lexicography, lexicographic definition, entry, historical context, Brazilian colonial history

Contents

1. Introduction. 2. Organisation of the data bank. 3. Theory and method. 4. Methodological choices and solutions. 4.1. Entry. 4.2. Homonymy. 4.3. Dating. 4.4. Lexicographic definition. 4.5. Phraseological units. 5. Conclusion.

1. INTRODUÇÃO

Após 7 anos de trabalho ininterrupto, em dezembro de 2012, foi concluído o projeto *Dicionário Histórico do Português do Brasil — séculos XVI, XVII e XVIII*, com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Este dicionário, mais conhecido pela sigla DHPB, foi idealizado pela Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Camargo Biderman, em 2005. Infelizmente, a renomada lexicógrafa brasileira veio a falecer em maio de 2008 e a continuidade do projeto coube a autora deste artigo, auxiliada por equipe de docentes e alunos de pós-graduação, com sede no Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – câmpus de Araraquara, São Paulo – Brasil.

Concluído com uma nomenclatura de 10.470 verbetes, distribuídos em 11.051 páginas em 19 volumes, impressos em A4, o DHPB foi construído de raiz, isto é, nenhum outro dicionário no gênero havia para que o saber lexicográfico de um pudesse ser oferecido ao outro como modelo e orientação. Quando se diz construído de raiz é no sentido de que somente a partir de um banco de dados organizado exclusivamente para a sua elaboração permitiu que a nomenclatura fosse selecionada e a equipe do DHPB iniciasse a redação dos verbetes. Após esta primeira etapa, que abaixo estará detalhada é que as opções metodológicas começaram a ser feitas mediante o material que se apresentava no banco de dados.

O DHPB foi elaborado, integralmente, a partir deste banco de dados com 7.492.472 ocorrências, a partir de 23.858 páginas de textos escaneadas. Este banco foi denominado Banco I, pois o Banco II foi construído posteriormente, com 2.049.249 ocorrências e mais 8.009 páginas de textos escaneados.

Desta forma, todos os verbetes com informações linguísticas e históricas foram construídos com base exclusivamente nestes bancos, tomando os contextos como orientação para a redação.

Este artigo, portanto, se destina a apresentar o percurso teórico e metodológico que permitiu que uma obra de referência pudesse ser construída com o objetivo de reunir o acervo lexical que teria dado início ao português do Brasil.

2. O BANCO DE DADOS E SUA ORGANIZAÇÃO

Como já mencionado anteriormente, é o banco de dados que dá sustentação ao DHPB e para isso foram estabelecidos alguns critérios para a seleção dos textos/documentos que deveriam ser processados para serem inseridos no banco. A quase totalidade dos textos estava impressa mais também houve textos já digitalizados que facilitaram o trabalho; já os textos manuscritos passaram primeiro por transcrição. O período de tempo em que tais textos foram produzidos foi de 1500, ano em que Pero Vaz de Caminha enviou carta ao rei de Portugal, dando conhecimento da descoberta do Brasil, até o ano de 1808, quando a família real portuguesa, deixa Portugal, vindo para o Brasil, em virtude da invasão napoleônica. Definidos o tempo e o espaço, definiu-se que textos deveriam ter sido escritos por portugueses vindos no período da colonização ou ainda por aqueles que já tinham nascido no Brasil.

Percorridos bibliotecas públicas e particulares, museus, arquivos históricos no Brasil e em Portugal a Biblioteca Pública de Évora, guardiã de inúmeros documentos sobre o Brasil dessa época, reuniu-se um conjunto representativo de textos de natureza e gênero variados, tais como: obras dos missionários viajantes, na sua maioria jesuítas que vieram em missão catequética e no Brasil se fixaram; diários de navegação, como o de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa; cartas de sesmarias; roteiros descritivos da flora e fauna brasileiras; descrições geográficas; cartas e sermões do Pe.Vieira, pregados aqui no Brasil e de outros oradores sacros, que para aqui vieram e que tiveram sua correspondência reunida em obras esparsas; obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará, durante a era pombalina; cartas comerciais trocadas entre comerciantes da colônia com outros de Portugal; obras sobre a nobiliarquia paulistana; atos de câmaras municipais; anais de câmaras de diversos municípios

brasileiros; documentos cartoriais; autos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira; processos; inventários; testamentos; alvarás; posturas; bandos; atos de doações de terras, casas e terrenos; cartas de ofício; patentes; cartas dos governadores gerais; provisões; documentos forenses; estatutos de sociedades; constituições dos bispados do Brasil; regimentos militares; obras sobre medicina, farmácia, agricultura, mineração, além da produção literária do barroco e arcadismo no período.

Para que o conjunto acima pudesse ser inserido no banco, houve a necessidade de submeter os textos a um processamento informático, para deixá-los em formato especial para que pudessem ser trabalhados com o auxílio de um programa computacional para este fim adaptado. A ordem obedecida foi a seguinte:

- 1) escaneamento dos textos e edição das imagens;
- 2) organização das pastas onde cada pasta corresponde a uma obra;
- 3) a partir da leitura ótica (Optical Character Recognition — OCR) e correção pelo programa ABBYY Fine Reader, fez-se a transferência das imagens de textos TIFF (Tagged Image File Format) para Doc;
- 4) inclusão da ficha catalográfica nos textos já corrigidos;
- 5) conversão para arquivos texto (TXT);
- 6) marcação XML (eXtensible Markup Language);
- 7) inserção dos textos no programa *Philologic*.

Da sequência acima, vale a pena destacar algumas das etapas. Depois de feita a leitura ótica dos textos eles foram corrigidos com o auxílio do programa ABBYY Fine Reader, pois muitas vezes a leitura ótica apresenta erros. As imagens corrigidas foram transferidas para Doc. e feita a conversão em TXT. A marcação XML, um formato empregado para a organização de dados de forma hierárquica, permitiu que o programa pudesse buscar com precisão informações como título da obra, autor, data em que foi escrito o texto bem como o número de ocorrências de uma palavra no arquivo.

A ficha catalográfica registra todas as informações sobre cada texto como: autor, título da obra, quando foi escrita, data da edição que foi usada, descrição da obra, se estava impressa ou em formato digital e também em que acervo ela foi encontrada.

Finalmente os textos foram inseridos no programa denominado *Philologic* — sistema de processamento de *corpus*, criado na Universidade de Chicago — que permitiu a busca no banco de dados. O programa permitiu ao redator do DHPB consultar o banco por vários meios. Através de um motor de busca, pôde-se consultar a unidade que constituiu a entrada, suas possíveis combinatórias, os contextos onde estão inseridas e através da busca por similaridades puderam ser extraídas as variantes gráficas, morfológicas que a palavra-entrada ou lema apresentou nos diversos contextos.

O projeto do DHPB construiu um banco de dados e um banco de textos em seu formato original, permitindo elucidar possíveis erros na leitura ótica e na correção.

Exemplificando o modelo de busca, segue abaixo a unidade lexical *açúcar* e os 7 primeiros contextos em que está inserida. Se se desejar o contexto maior, é preciso clicar em Concordance Report, como indica abaixo.

Your search found 91 occurrences
 Click here for a Concordance Report
 Occurrences 1-91:

1. A00_0027 (bib:p.0) oitenta mil reis em dinheiro; o *açucar* de {61.- BAÍA 2 DE SETEMBRO DE 1557 411,
2. A00_0027 (bib:p.0)a em cento e cimcoenta arobas de *açucar* que val a cruzado a aroba. Todos estos di
3. A00_0047 (bib:p.0)eram de partir proverão-nos de *açucar* he muyta conserva e outras cousas [de aç
4. A00_0047 (bib:p.0)yta conserva e outras cousas [de *açucar* e a]dens, e ainda dezia que estava corrid
5. A00_1600 (bib:p.0)Ano os quoais lhe serão pagos em *Açucar* assi como ualleo por massa os Anos passad
6. A00_1600 (bib:p.0) mil Cruzados naõ sejaõ pagos em *Açucar* he: que arbbitrado a como ualleo em Massa
7. A00_1600 (bib:p.0)ta, e nos arrendamentos do mesmo *Açucar* acho que perde Vossa Alteza muito em mand

Há a indicação de 91 ocorrências da palavra em todo o banco conforme grafada em destaque. Mas a forma *assucar* registra 642 ocorrências;

Your search found 642 occurrences
 More search results (batches of 100)
 1 2 3 4 5 6 7
 Retrieve all occurrences (This may take some time to download)
 Click here for a Concordance Report

Occurrences 1-100:

1. A00_0751 (bib:p.0)engenhos, nelles se faz o melhor *assucar* de toda a costa; tem muitas madeiras de p
2. A00_0751 (bib:p.0)azer alguma caridades, maximé de *assucar* a esta provincia; mas como agora está, r
3. A00_0751 (bib:p.0)eu vigario; tem tres engenhos de *assucar*: é terra abastada de mantimentos, criaç
4. A00_0751 (bib:p.0)a Índia, cheia de queijadinhas d'*assucar*, com um grande pucaro d'agua fria; dizend
5. A00_0751 (bib:p.0)go arrebentam. Tem um engenho de *assucar*; foi fertil de algodão e farinhas, mas t
6. A00_0751 (bib:p.0)ita sessenta e setenta fôrmas de *assucar* branco, mascavado, malo e alto. Cada fôr
7. A00_0751 (bib:p.0)carpinteiro, ferreiro, mestre de *assucar* com outros officiaes que servem de o puri

Cada conjunto de 100 ocorrências em uma página vem sempre acompanhado da informação bibliográfica completa, ou seja, as 7 ocorrências acima destacadas estão na obra do Pe. Fernão Cardim.

Results Bibliography

PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III — *INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL — ANNO DE 83, — OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA.* () [word count] [A00_0751].

As combinatórias com a unidade lexical *assucar/açúcar* também podem ser buscadas no banco. Buscando *assucar mascavado*, tem-se:

Your search found 2 occurrences
 Click here for a Concordance Report
 Occurrences 1-2:

1. A00_0740 (bib:p.0)e chama cachaça. Finalmente ha o *assucar mascavado* nos engenhos, e resulta do que
2. A00_0733 (bib:p.0)noenta até quinhentos barris de *assucar mascavado* de mil a mil duzentas libras.

As duas ocorrências acima estão nos textos dos seguintes autores:

Results Bibliography

D. FR.JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], *VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRITA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ.* () [word count][A00_0740].

FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES BARATA/ D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO (1867) [1799], *DIARIO DA VIAGEM QUE FEZ Á COLONIA HOLLANDEZA DE SURINAM O PORTA-BANDEIRA DA SETIMA COMPANHIA DO REGIMENTO DA* () [word count][A00_0733].

3. TEORIA E MÉTODO

Pode-se afirmar que por mais bem construída que seja a base teórica utilizada para a elaboração de um dicionário histórico, ou de outra natureza, é sempre o banco de dados que indicará algumas direções que devem ser tomadas, obrigando ao longo do trabalho de construção dos verbetes, alguns ajustes na teoria e também no método.

À medida que a consulta foi se fazendo no banco de dados do DHPB, dúvidas foram surgindo e a metodologia teve de ser revista para poder contemplar fatos linguísticos importantes, em se tratando de um dicionário histórico.

Estabelecido o modelo de verbete que seria utilizado para o DHPB, foram definidas que informações deveriam ser obrigatórias, ou seja, estar presentes em todos os verbetes, e quais seriam facultativas, ou seja, as que estariam na dependência de terem registro ou não no DHPB.

Foram consideradas informações obrigatórias: 1) a palavra-entrada ou lema deve ter a grafia de acordo com o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), de 2009. A grafia atualizada facilita a consulta no DHPB. Na grande maioria o banco de dados registrou a grafia do VOLP, mas houve alguns casos em que o banco não a contemplou. Em casos desta natureza prevaleceu a grafia do VOLP e as grafias registradas no banco de dados foram consideradas

variantes; 2) a palavra-entrada vem sempre seguida da classe gramatical substantivo, adjetivo e verbo. Cabe aqui anotar que foram essas classes de palavras objeto de pesquisa no banco de dados; portanto, o DHPB tem uma nomenclatura formada por substantivos, adjetivos e verbos; 3) todas as acepções ou valores polissêmicos que o lema tem nos diversos contextos do banco, obrigatoriamente, devem vir acompanhados do contexto com a referência bibliográfica completa; 4) registro da datação, ou seja, documentou-se o texto mais antigo do banco de dados onde a palavra-entrada estava inserida.

Foram consideradas informações facultativas aquelas que ficaram na dependência de estarem ou não registradas no banco: 1) variantes gráficas, morfológicas ou fonéticas podem integrar ou não o verbete. Em caso de o banco registrar, elas são colocadas logo a seguir o lema; e estão sempre acompanhadas do contexto; 2) sentido figurado; 3) a palavra-entrada pode integrar uma locução neste caso a locução pode ser substantiva, adjetiva, verbal, prepositiva, conjuntiva e adverbial; 4) a palavra-entrada pode formar com outra um sintagma nominal (substantivo ou adjetivo) ou verbal; neste caso o verbete a registra sob o rótulo de *expressão sintagmática*.; 5) informação enciclopédica; toda vez que uma informação histórica foi interessante para tornar mais clara a definição lexicográfica, ela foi registrada em forma de *nota*; 6) uso de remissiva quando se fez necessário remeter o leitor a um outro verbete com objetivo de esclarecer uma informação.

Estabelecidos os pontos obrigatórios na construção dos verbetes e aqueles que podem ou não estar presentes, pôde-se construir o verbete. Muito embora as etapas metodológicas tenham sido pré-estabelecidas, houve no processo de construção e na consulta ao banco de dados uma relação de dupla direção: da palavra-entrada aos contextos e destes para aquela, com o objetivo de redigir a definição lexicográfica, elemento essencial na elaboração do verbete.

A estrutura da definição semântica no DHPB seguiu a prática lexicográfica tradicional que estabelece uma tipologia para este fim; a definição cumpre a função de uma explicação do significado da palavra-entrada.

Apoiando-se nas teorias da definição propostas por Imbs (1960), Dubois & Dubois (1971), Bosque (1982), Rey-Debove (1984), Porto-Dapena (2002), Garriga Escribano (2003), Castillo Carballo (2003) somando-se a eles os autores que compõem a obra *La Lexicografía — de la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica* (1982), em especial Haensch, organizou-se os tipos de definição que auxiliariam na construção dos verbetes. A tipologia proposta por I. Bosque (1982) em seu clássico artigo *Sobre la teoría de la definición lexicográfica* foi a que melhor suporte teórico deu para a redação da definição no DHPB.

De acordo com a natureza da metalinguagem, diz Bosque, as definições podem ser próprias ou parafrásticas ou impróprias ou metalinguísticas. As definições do 1º tipo, buscam refletir o que a palavra significa nos mais diversos contextos. Já no 2º tipo, as definições impróprias ou metalinguísticas, não são verdadeiras definições, segundo Bosque, mas explicações de como ou para que se emprega a palavra-entrada no dicionário. Este 2º tipo não foi objeto de atenção no DHPB já que as palavras nocionais é que compuseram a nomenclatura.

Na tipologia das definições parafrásticas estão incluídas as definições hiperonímicas, denominadas também inclusivas, aristotélicas e por gênero próximo mais diferença específica, foram as mais empregadas no DHPB. Também as definições sinonímicas e antonímicas que pertencem à categoria das parafrásticas foram amplamente empregadas. As definições hiperonímicas permitiram que o redator, além da metalinguagem utilizada, buscasse nos mais variados contextos as diferenças específicas que completassem a definição. Esta tipologia é muito eficaz para se definir a flora, a fauna, objetos, usos e costumes da época abrangida pelo banco de dados. Assim um pássaro, uma planta, uma flor, um peixe não foram definidos usando uma terminologia científica, já que a época que abrange o DHPB, ela ainda não estava estabelecida. Foram os contextos que ofereceram a informação para se redigir a definição. Vejam-se os exemplos abaixo de *jararaca* e de *caju/acaju*:¹¹

¹¹ Todos os exemplos que ilustram este artigo foram extraídos do DHPB, alterando-se apenas as fontes, a fim de obedecer às normas da ELG. A numeração entre colchetes indica o arquivo onde se encontra o texto e a página no banco de dados.

Jararaca — *Jararaca* he nome que comprehende quatro generos de cobras muito peçonhentas: a primeira e maior, é Jararacuçu, sc. jararaca grande, e são de dez palmos; têm grandes prezas na bocca, escondidas ao longo do queixo, e quando mordem estendem no como dedo de mão, têm a peçonha nas gengivas, têm os dentes curvos, e nas costas delles hum rego por onde lhe corre a peçonha. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], I — DO CLIMA E TERRA DO BRASIL — E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO O MAR [A00_0749 p. 30].²²

A fructa *acaju* também é bem conhecida na América e Amazonas, e a sua árvore cajueiro tem ua singularidade, que não será fácil descobrir-se semelhante em todo o mundo. Tem vários predicados primeiro pela sua estimada resina, de que falaremos adiante; segundo pela brevidade com que cresce, e dá o seu fructo: terceiro e principal pela singularidade de dar dous frutos totalmente diversos. Primeiro e principal é o chamado *caju* semelhante as peras. Há várias espécies de cajus, uns doces, outros agredoces, e outros azedos: uns maiores, como grandes peras, outros menores, como damascos, e outros pequenos, como ameixas, e outros mínimos, como medianos bugalhos. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA — DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS — TRATADO PRIMEIRO — DAS MINAS DE OURO E PRATA, E DIAMANTES DA REGIÃO AMAZÔNICA — CAP. 6º — PROSEGUE-SE A MESMA MATÉRIA [A00_1858 p. 329].

Os excertos acima, extraídos do banco de dados do DHPB apresentam especificidades que permitem ao redator construir a definição lexicográfica, principalmente no que diz respeito ao tipo de definição hiperonímica; nestes casos, o redator lançou mão da informação enciclopédica que segundo Bosque (1982, p. 111) é aquela que descreve os objetos.

Algumas vezes a informação enciclopédica foi registrada no verbete em forma de nota. Como no exemplo abaixo extraído do verbete *mão*, onde se encontra a expressão sintagmática *beija-mão*:

Beija-mão

Cerimônia em que os súditos beijavam a mão do rei ou dos soberanos, em sinal de respeito, de fidelidade e de submissão.

[...] porém a verdade é que antes disto cada um dos potentados assim dos Europeus, como dos Paulistas era um poderoso que arrogava assim tôda a vaidade do respeito e do *beija-mão*, porque na falta de governador que lhes não consentisse os venenosos efeitos da elevação, se tinham verificado pelo decurso de anos antecedentes mortes e roubos. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME [séc. XVIII], INSTRUÇÃO E REGIMENTO QUE SE DEU A DOM RODRIGO DE CASTELO BRANCO EM VINTE E OITO DE JUNHO DO ANO DE MIL SEISCENTOS E SETENTA E TRÊS [A00_0083 p. 146].

Nota:

Cerimônia que existiu em algumas cortes europeias como a portuguesa e a espanhola em sinal de respeito, de fidelidade e de submissão ao soberano. Essa cerimônia também foi introduzida no Brasil colonial e persistiu no período do império brasileiro.

As definições sinonímicas e antonímicas foram mais utilizadas para definir adjetivos e as sinonímicas, especialmente para os verbos. Segue abaixo o verbete *maltratado* onde a sinonímia foi empregada para todas as acepções e em seguida o verbete *magro*, definido por antônimo com a negativa.

maltratado *adj.*

1. Mal acolhido, mal recebido.

Primeiro que tudo, senhor, sinto muito que o sr. D. Jorge, sôbre não recebido em Portugal, se veja tão *maltratado* em Castela, com que se verifica quão caluniosas foram as causas da primeira resolução; [...]. PADRE ANTONIO VIEIRA (1925) [1648], CARTA XIX — AO MARQUÊS DE NIZA 1648 — JANEIRO 27 [A00_0116 p. 141].

2. Danificado, estragado.

[...] esperando pelos padres do barco pequeno, que chegou em um dia ou dous depois mui *maltratado*, assim por lhe ter quebrado o mastro, como por fazer agua como um cesto rôto. PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF (1910) [1699], CAPITULO 4 — PARTE O PADRE VISITADOR EM O BARCO GRANDE, E CHEGA POCOS DIAS DEPOIS O BARCO PEQUENO COM O SUPERIOR DA MISSÃO E MAIS SUJEITOS QUE O ACOM-PANHAVAM AO CEARÁ [A00_0523 p. 378].

²² Nos exemplos, as datas entre parênteses referem-se à data da edição utilizada e a entre colchetes a em que o autor escreveu; em não se sabendo esta última, registrou-se o século.

3. Lesado fisicamente, ferido.

[...] e não muito depois o Padre João Angelo de uma missão da capitania do Cameté, muito *maltratado* de um olho, [...]. PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF (1910) [1699], CAPÍTULO 16 — DISPUZ ALGUMAS COUSAS TOCANTES AO COLLEGIO E A EGREJA, ANTES DA MINHA PARTIDA PARA O PARÁ [A00_0549 p. 536].

4. Insultado, ultrajado.

[...] e, metendo-os dentro na igreja, se reduziu o negócio a questão, e ficaram os Oficiais de Justiça descompostos e *maltratados* pelos padres, os quais tiveram tão pouca razão para cometerem um crime de lesa-majestade como este, [...]. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1754], 53.ª CARTA A SEBASTIÃO JOSÉ, RESPONDENDO PARTE DA SUA CARTA DE 15 DE MAIO DE 1753. DISCORRE SÔBRE OS MEIOS DE S. MAJ. PARA PÔR ÊSTE ESTADO EM OBEDIÊNCIA, DANDO-LHE FÔRÇAS MILITARES PARA O GOVÉRNO SER RESPEITADO E MINISTROS HÁBEIS COMO OS QUE O MESMO SENHOR FOI SERVIDO NOMEAR PARA ADMINISTRAREM JUSTIÇA COM INTEIREZA, E CONSEGUIR O NÃO HAVER UM ÚNICO MORADOR QUE DEIXE DE OBEDECER ÀS REAIS ORDENS DE S. MAJ.. PARÁ, 26 DE JANEIRO, DE 1754 [A00_0350 p. 466].

1ª. datação [1559]

Elle ouvindo isto rompeo a casa de palha e foy-se e andou pelos matos *maltratado*, mas tomando boom conselho se veo a humilhar e pedir penitencia, e derão-lhe que trabalhasse nas obras da igreja que se fazia. P. MANUEL DA NÓBREGA (1956) [1559], CARTA DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. MIGUEL DE TORRES E PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL, BAÍA 5 DE JULHO 1559 [A00_0033 p. 65].

magro *adj.*

1. Que não é gordo.

Postos nos ali em tanta fome quanta dantes já traziamos e estavamos como tísicos de *magros* q' não tinhamos mais q' a pelle sobre os ossos, era nec.o hirmos fazer assento aonde tivéssemos com que nos refazer. LUIZ FIGUEIRA (1967) [1608], RELAÇÃO DO MARANHÃO, 1608, PELO JESUITA PADRE LUIZ FIGUEIRA ENVIADA A CLÁUDIO AQUAVIVA [A00_1604 p. 85-56].

2. Que tem pouca ou nenhuma gordura ou sebo.

[...] porque de ordinario se matão trinta ou quarenta baléas, e cada huma dá vinte pipas de azeite pouco mais ou menos, conforme he a sua grandeza, e se vende cada huma das pipas a dezoito ou vinte mil réis, além do proveito que se tira da carne *magra* da baléa, a qual fazem em cobros, e tassalhos, e a salgão e põem a secar ao sol, [...]. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], LIVRO QUARTO — DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPARE DE SOUZA — CAPITULO QUADRAGESIMO — DE COMO O GOVERNADOR VEIO DE PERNAMBUCO PERA A BAHIA, E MANDOU O ZOROBABE, QUE SE TORNAVA COM OS SEUS POTIGUARES PERA PARAHYBA, DESSE DE CAMINHO NOS NEGROS DE GUINÉ FUGIDOS, QUE ESTAVÃO NOS PALMARES DO RIO ITAPUCURÚ, E DE COMO SE COMEÇARÃO AS PESCARIAS DAS BALÉAS [A00_2071 p. 172].

3. De pouco rendimento, escasso.

Sobre hum terreno de granitos, enchutos, etc. tem a herva *magra* em principios nutritivos, e o leite, manteiga, e queijos se resentem disso. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801) [1801], QUEIJO [A00_1060 p. 215].

4. Improdutivo (solo).

Chamo Debilidade, ou marasmo, no algodoeiro, quando este vegetal dà pouca folha, e pouco fruto, e as forças vitais estão quasi extinctas: esta enfermidade pôde provir de duas causas, ou por ser o terreno, em que está plantado, demasiadamente *magro*; o que faz, com que a planta receba pouca nutrição; [...]. MANUEL ARRUDA DA CAMARA (1799) [1797], CAPÍTULO VII — DAS MOLESTIAS, A QUE SÃO SUJEITOS OS ALGODOEIROS [A00_2257 p. 40].

5. Em que não entra carne, nem gordura.

Muitas vezes hum queijo *magro* tem melhor gosto, que outro gordo, e o que pôde parecer singular he que muitas vezes acontece, que hum queijo que parece molle e gordo, quando se próva, he com tudo mais *magro*, que outro que he duro, e secco. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801) [1801], MANTEIGA [A00_1059 p. 121].

fig. Insignificante, pequeno.

Impacientes da fatal demora Os lenhos mercenarios junto á terra Recebem no léu léio, e a outros climas, Longe dos doces ares de Lisboa, Tranfportão a Ignorancia, e a *magra* Inveja, E envolta em negros, e compridos pannos A Dificordia, o Furor. BASILIO DA GAMA (1769) [1769], CANTO TERCEIRO [A00_2565 p. 64].

1ª. datação [1587]

Os cordeiros e cabritos são sempre muito gordos e saborosos; a carne dos bodes é gorda e muito dura; a dos carneiros é *magra*, em quanto são novos e depois de velhos não tem preço; [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DA ENSEADA DA BAHIA, SUAS ILHAS, RECONCAVOS, RIBEIROS E ENGENHOS (PARTE SEGUNDA — TÍTULO 3) [A00_0179 p. 176].

Com relação ao verbo, o verbete *amainar* é um exemplo de definição por sinonímia; exceção apenas para a acepção 3 que é termo da náutica.

amainar v.

Intransitivo

1. Abrandar, ceder.

[...] na manhã do dia 25 as fez lálvar, como fe follém muito amigas; até que vendo, que fém *amainar*, nem reíponder a hiaõ ocupando, lhes díparou entãõ toda a artilharia da Fortaleza carregada de bala; [...]. BERNARDO PEREIRA DE BERREDO (1749) [1718], ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHÃO — LIVRO XI [A00_2523 p. 333].

Transitivo direto

2. Tornar brando, calmo.

[...] mas não dando por nenhũa, me protestou, que se eu lhes não dava, ele os tomaria; foi-me necessária muita retórica, para o *amainar*, o que fez dizendo, que cedia por ter de passar acima a outras missões a buscar outros, [...]. PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE QUARTA — DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO AMAZONAS — CAP. 6º — DO REGIMEM DOS MISSIONÁRIOS NAS MISSÕES DO AMAZONAS [A00_1883 p. 53].

3. Colher as velas de embarcação.

Mandei *amainar* a vela e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento, [...]. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078 p. 79].

4. Acalmar.

[...] para que se arrancasse e espedaçasse assim, em a terra *amainando* de sua fúria, e por esta maneira vinha a levar a novidade igualmente como o demais trigo. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], DIÁLOGO QUARTO — MANTIMENTOS, TINTAS, HORTALIÇAS, FRUTAS, LÃS, LEGUMES [A00_1584 p. 122].

1ª. datação [1530]

3.a feira, l0 do dito mês, pela manhã, nos deu ùa trovoada com muito vento e água, que nos fez *amainar* as velas o dia todo; [...]. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078 p. 34].

Seguindo ainda a classificação apresentada por Bosque (1982) também foram empregadas no dicionário histórico as chamadas definições seriais, mesonímicas e ostensivas, pois unidades lexicais do banco de dados puderam ser definidas segundo este modelo proposto.

A definição serial é aquela em que a unidade lexical que está como lema se situa num ponto de uma determinada escala; nesta tipologia podem ser definidas as estações do ano e os meses. E também a hierarquia militar como no verbete abaixo:

furriel s.m.

variante: forriél.

Antigo posto militar, entre cabo e sargento.

Servio na Provincia do Alentejo, e Catalunha sentando praça de soldado em 31 de Julho de 1703, sendo cabo de esquadra, *Furriel*, Alferes, Thenente, Ajudante, e capitão de cavallos, achando-se na campanha de 1704, em que se tomarão as Praças de Barca Rota, e S. Vicente, na peleja de Marvão no Rendimento de Valença, e citio de Badajoz. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], LIVRO TERCEIRO — PER-NAMBUCO RENASCIDO / CAP. XVIII — MEMORIAS DOS GOVERNADORES DA PARAYBA DEPOIS DA RESTAURAÇÃO. N. 145 [A00_0650 p. 221].

Expressão sintagmática

Furriel-mor

Aquele que tinha por sua responsabilidade cuidar dos aposentos do rei, da corte e das pessoas do séquito real durante as jornadas.

Manda-me Vossamercê responder por escripto aos requerimentos incluzos do *Furriel mor* na forma do despacho da Real Junta, e para ser presente á mesma o faço na forma seguinte. CLAUDIO MANUEL DA COSTA (1960) [1780], 06. ARREMATACÃO DAS FAZENDAS DA PARAPEBA [A00_1324 p. 212].

1ª. datação [1704]

No dia 28 continuamos no mesmo rumo até a fazenda chamada Capetinga (,) do *Forriell mor* Antônio Luís, e daí procuramos o Rumo Oeste, e chegamos à fazenda de Manoel Barbosa (,) aonde nos aquartelamos aquela noite [...]. desconhecido (1988) [1704], [ENCONTRANDO QUILOMBOS] — TRANSCRIÇÃO POR MARIA FILGUEIRAS GONÇALVES E INTRODUÇÃO DE ANA LÚCIA LOUZADA WERNECK — NOTÍCIA DIÁRIA E INDIVIDUAL DAS MARCHAS [,] E ACONTECIMENTOS MA(I)S CONDIGNO(S) DA JORNADA QUE FEZ O SENHOR MESTRE DE CAMPO, REGENTE[,] E GUARDA(-)MOR INÁCIO CORRE(I)A PAMPLONA, DESDE QUE SAIU DE SUA CASA[,] E FAZENDA DO CAPOTE ÀS CONQUISTAS DO SERTÃO, ATÉ SE TORNAR A RECOLHER À MESMA SUA DITA FAZENDA DO CAPOTE ETC.ETC.ETC [A00_2319-002 p. 99].

Ainda na sequência a definição do tipo mesonímico coloca a unidade léxica da entrada numa posição intermediária entre outras duas e é identificada por exclusão destas, como no exemplo abaixo:

morno *adj.*

Temperado entre quente e frio.

[...] ainda que o doente tenha fecura na lingua, e efteja alpera, nem por illo fe deyxará de lavar com o dito remedio; e a agua, que o doente beber, lerá *morna*, e não fria, a que quizer, principalmente aos comeres. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E IUS OBIERVAÇOENS [B00_0029 p. 30].

1ª. datação [1618]

Também adoeceu muitas vèzes de um mal a que chamam do bicho, [...] o que se cura fàcilmente, sòmente com se lavar aquela parte três ou quatro vèzes com água *morna* [...]. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], DIÁLOGO SEGUNDO — QUE TRATA DO CLIMA E ENFERMIDADES DO BRASIL E DOS MEDICAMENTOS COM QUE SE CURAM [A00_1582 p. 61].

As definições ostensivas ou também denominadas mostrativas, são aquelas que fazem alusão ao referente numa indicação direta ao objeto que possui a propriedade que se define. É um tipo bastante empregado para definir as cores:

amarelo¹ *adj.*

variantes: amarello, amarrello, amarélo.

Que tem a cor do ouro, da gema de ovo.

O afamado Ananàs tẽ aqui feu lugar, porq̃ nalce nũas eruas como a noflã baboã, do tamanho de hũ pipino, & do lauro de hũ pinho verde, & chegãdo a fer *amarrello* relcẽde, è he o rey das frutas. CAP. SYMÃO ESTACIO DA SYLVEIRA (1624) [1624], RELAÇÃO SV MARIA. AS COVSAS DO MARANHÃO [B00_0021 p. 19].

O Fedegozo bravo cresce athẽ 8, e 9 palmos, hé quasi na mesma forma, especialmte pa molestias de mulheres, bebida a raiz, hé *amaréla*, em vinho, ou agua quente. JOSEPH BARBOZA DE SAÁ (1999) [1765], [X]. NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES [A00_2217 p. 229].

1ª. datação [1500]

[...] outros traziã cara puças depenas *amarelas* eoutros de vermelhas eoutros de verdes [...]. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA [A00_0335 p. 4].

amarelo² *s.m.*

A cor amarela, a cor do ouro, da gema do ovo.

[...] e o papo he tão formoso que de qualquer parte que o tomão, mostra todas as côres principalmente hum *amarrello* mais fino que ouro. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], I — DO CLIMA E TERRA DO BRASIL — E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO O MAR [A00_0749 p. 33].

Estabelecidos os princípios teóricos e metodológicos para a construção dos verbetes do DHPB, a partir da nomenclatura selecionada, acompanhada do número de ocorrências da unidade lexical nos contextos, puderam os redatores construir a definição lexicográfica e organizar o verbete conforme modelo estabelecido. Entretanto, apesar de se ter um arcabouço teórico e metodológico orientado pela prática lexicográfica, nem sempre esse arcabouço permitiu que a definição lexicográfica ou outra informação obrigatória seguisse o modelo, tendo em vista ser um dicionário histórico que estava sendo construído. Houve a necessidade de ajustes na metodologia.

O item seguinte deste artigo destina-se a apresentar as opções e soluções tomadas com a finalidade de resolver de que maneira certos dados do banco mereceriam ser tratados no interior dos verbetes.

4. OPÇÕES E SOLUÇÕES METODOLÓGICAS

Ao longo do processo de redação dos verbetes, houve a necessidade de se abrir espaço para as exceções bastante comuns no banco de dados, desviando-se dos princípios estabelecidos previamente. Procurou-se, então, fazer opções e buscar algumas soluções, pois muitas vezes essas “exceções” eram significativas e importavam estar num dicionário histórico.

4.1. Palavra-entrada

A metodologia para o DHPB estabeleceu que a palavra-entrada ou lema, deveria estar de acordo com a ortografia atual, conforme determina o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009). Entretanto, houve unidades lexicais que estavam com outra ortografia, podendo ser consideradas uma variante. Optou-se por manter a entrada na grafia atual e considerar as demais como variantes, acompanhadas dos contextos e informação bibliográfica, conforme registra o banco de dados. Vejam-se os exemplos a seguir de *canjerana*, *carmesim*, *ginseng*.

canjerana s.f.

variantes: canjarana, cajarana.

Planta de madeira vermelha e aromática, utilizada em construções.

Cajarana — Madeira síme ao Cedro na côr, e duração. JOSEPH BARBOZA DE SAÁ (1999) [1765], [X]. NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES [A00_2217 p. 53].

1ª. datação [1749]

Pau chamado *canjarana*, também bom pau de lei. Pau chamado urucurana. Pau chamado almecega, esta dá [incompleto]. Pau chamado graúna, que é o melhor que há, por ser durável tanto para a terra como para o ar. CAETANO DA COSTA MATOSO (1999) [1749], 114 — LEMBRANÇAS DAS ERVAS MEDICINAIS, DOS CIPÓS E DAS ÁRVORES E PAUS MAIS USUAIS NO PAÍS DAS MINAS [A00_0995 p. 790].

carmesim¹ adj.

variantes: carmezim, carmizim, carmezi.

Que tem a cor do carmim.

Nelte dia fãhiraõ duas bandeiras á publica veneração pelas ruas da Villa: huma dellas tinha em huma face a Senhora do Roário, em outra a cultodia do Sacramento: a outra tinha tambem a cultodia em hũa face, e na outra a imagem da Senhora do Pilar; ambas de Damalco *carmelim*. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733 [B00_0020 p. 38].

[...] hũ jubão velho do uzo antigo de damasco *carmizim*, hũa Bacora, com tres leittois = e qiattro patas, das quais couzas asima declaradas o ditto juis se ouve por entregue [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1654], INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE FRANCISCO BICUDO DE BRITO — 1654, VILA DE SÃO PAULO (APENSO O TESTAMENTO DE TOMÁSIA RIBEIRO DE ALVARENGA) [A00_0171 p. 134].

[...] a côr he entre roxo, e *carmezi*, com humas miudas respirações brancas no diametro da sua breve circumferencia: [...]. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], LIVRO PRIMEIRO [A00_0567 p. 20].

1ª. datação [1561]

[...], afora outros 4, que estavam ao redor delle, vestidos com capas novas de damasco branco, com os capellos e sabastros ou barras de veludo *carmezim*. P. LEONARDO DO VALE (1956) [1561], CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, BAÍA 23 DE SETEMBRO 1561 [A00_0055 p. 447].

carmesim² *s.m.*

A cor vermelha do carmim.

Aqui muito acaso reparámos em um ramo de arvore que quasi tocava nas janellas da canôa; n'elle estavam uns como ramalhetes de flôres brancas salpicadas de *carmesim* na orla ou fim das folhas, que eram como as flôres miudissimas [...]. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRITA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ [A00_0740 p. 58].
ver: carmim.

ginseng *s.m.*

variantes: jinsen, jensen.

Erva perene com rizoma e raiz grossa, aromática e medicinal.

Padu é um cipó do Amazonas ainda pouco vulgar, e conhecido, mas na verdade digno de muita estimação, e pode correr parelhas com o famigerado *jinsen* da China: porque como me afirmaram os experimentados tem todos, ou quase todos os mesmos efeitos de refazer as forças, suprir as faltas de somno, matar a fome, e sede. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA — DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS — TRATADO TERCEIRO — DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA — CAP. 6º — DE ALGUMAS ERVAS MAIS NOTÁVEIS DO AMAZONAS [A00_1866 p. 374].

ver: erva.

1a. datação [1757]

Jensen. É ùa erva de muita estimação no Império da China tanto, que se compra a peso de dinheiro, ou para melhor dizer um peso de jensen vale muitos pesos de prata. Tem grandes préstimos especialmente para fortalecer, e avivar os espíritos, para suprir as faltas de comer, sede, e somno, ou tomando o seu chá, ou mastigando a sua raiz. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA — DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS — TRATADO TERCEIRO — DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA — CAP. 6º — DE ALGUMAS ERVAS MAIS NOTÁVEIS DO AMAZONAS [A00_1866 p. 373].

4.2. Homonímia

Com relação às palavras homônimas — homófonas e homógrafas — registradas no DHPB em entradas separadas, optou-se por empregar os três critérios apresentados pela prática lexicográfica, quais sejam, o critério etimológico, o mais tradicional, o critério gramatical e o critério semântico.

O critério etimológico orienta que unidades lexicais que têm o mesmo significante originários de étimos diferentes e conteúdos semânticos também diferentes, devem figurar nos dicionários em entradas separadas com indicação de número alceado ^(1,2,3). Do DHPB extraiu-se o seguinte verbete:

ralo¹ *s.m.*

variante: rallo.

1. Instrumento com furos usado para ralar alimentos.

No fim deste tempo hé que se arranca; raspa-se muito bem a casca daquellas raizes, depois do que se rala em huma roda, cuja periferia hé toda vestida de hum *rallo* de laminas de cobre que em breve tempo a desfaz; [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], CARTA QUINTA [A00_0407 p. 207].

2. A folha de metal furada com pequenos orifícios que se põe nas janelas, nas portas, nos confessionários, nas redes dos conventos, dos lazaretos, etc., e que serve para se falar evitando o contato e também, em alguns casos, para que as pessoas de dentro não sejam vistas pelas que estão de fora.

[...] galanteou hum delles, em hum Convento, húa Religiofa. A qual empenhada daquellas affeições taõ indignas do Ieu eftado, lhe pedio no *ralo*, depois das onze da manhaã, que voltaffe a grade particular, antes da húa da tarde. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], SENHOR [A00_2496 p. 7].

3. Utensílio de metal ou pedra furada que permite o escoamento de líquidos.

Servem aqueles buracos do fundo de *ralo* para aquele açúcar destilar um melado ou melaço — como lhe chamamos em Portugal [...]. CAETANO DA COSTA MATOSO (1999) [1750], 110 — CANA-DE-AÇÚCAR [A00_0991 p. 773].

1ª. datação [1587]

[...] o que fazem com cascas de ostras, e depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra ou *ralo* que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem esta massa em um engenho de palma, [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DA AGRICULTURA DA BAHIA — (PARTE SEGUNDA — TITULO 4) [A00_0180 p. 189].

ralo² *adj.*

1. Pouco espesso; fino.

[...] depois, fe coe por papel pardo *ralo*, e fe lance em vidro bem tapado, lançandolhe dentro oyto pingas, ou dez de efpírito de vitriolo, e fe guarde para o ufo. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, AIIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EICOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÍAS ENFERMIDADES [B00_0031 p. 121].

2. Pouco denso.

Aos 21 partio deste pouzo da Lagoa pello meyo dia o Tenente Coronel com toda a gente, e trem da Expedição, entrou logo ao matto q.e era *rallo* aq.e chamão CAHA'TANDUBA [...]. AFFONSO BOTELHO DE S.PAYO E SOUZA (1906) [1771], ANNO DE 1771 — CONTINUAÇÃO AS DELLIGENCIAS DO REAL SERVISSO EM QUE ANDA EMPREGADO O TENENTE-CORONEL AFFONSO BOTTELHODO S. PAYO E SOUZA [M00_0024 p. 20].

ralo³ *s.m.*

Nome de um inseto da família dos grilos que rói as raízes de plantas hortenses e outras.

Há outra espécie de baratas, a que chamam *ralo*, que ainda que não sejam caseiras, são mais damnosas. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE PRIMEIRA — CAP. 22º — DAS PRAGAS MAIS ESPECIAES DO AMAZONAS [A00_1824 p. 160]. (1ª. datação)

Entre o substantivo *ralo*¹ e o *ralo*³, registrou-se o adjetivo *ralo*², que se enquadra no critério gramatical.

O critério gramatical, também denominado funcional, permite que unidades lexicais que possam ter função diferente, dependendo do contexto onde estiver inserida, figurem no dicionário em entradas separadas. Embora este critério não seja tão usual, foi prática adotada pelo dicionarista Antonio de Moraes Silva nas três primeiras edições de seu *Diccionario da Lingua Portuguesa*, prática adotada pelos diversos autores que se dedicaram à ampliação das demais edições da 4ª até a 10ª. Como o banco de dados do DHPB, apresentaram um número bastante significativo de unidades que se enquadravam neste critério, optou-se por registrar em entradas separadas, como nos verbetes que abaixo abonam a opção escolhida:

principal¹ *adj.*

variantes: principal, princpal, prícipal, prinssipal, prensipal, pricipal, princpial, principall, primsipal, príncipal, primçipal, primçipall, príçipal.

1. Que é o mais importante.

[...] E por aver a dar E pagar a dita contia *primsipal* E gainhos no cabo e fin do dito anno tempo E prazo E conprido E se mais tempo o tiver pagara gainhos de gainhos [...]. MARIA DA SILVA [1654], INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654) [A00_0757 p. 299].

[...] porque sendo *pricipal* renda a dos Dizimos, ea das Balêas que importavaõ cem mil cruzados rezervarão estas para aFolha egastos ordinarios [...]. desconhecido (1951) [1673], INFORMAÇÃO DACAMA — | RA DESTA CIDADE QUE SEMANDOU AO PROCURADOR DA CIDA — | DE DE LISBOA O DOUTOR GRE- | GORIO DE MATTOS E GUERRA [A00_2205 p. 127].

[...] fora dito que elle no melhor modo que pudese Ser e por direito maes ualesse ficaua como defeito logo ficara por fiador e *prensipal* pagador do dito reuerendo padre frej Cosmo de Sanctiagio [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (1945) [1707], SENTENÇA DE SEGUNDA VIA O PROUENÇIAL DA ORDEM DO PATRIARCA SAMBENTO [A00_1535 p. 225].

E para mais segurança apresentou por seu fiador e *prinsipal* pagador a João de Moura gavião o qual dise se obrigava E fiava ao dito seu fiado na dita contia [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 — VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 — VILA DE SÃO PAULO [A00_0173 p. 241].

[...] se achou q̃ o pao q̃ o Marques pede pagaua a dous cruzados por quintal de dr.tos no paço da madeira, E q̃ hoje tem de ualor *principal* o mesmo que importa o drto [...]. VÁRIOS AUTORES (1961) [1658], ECONOMIA — I PARTE — CONSULTAS DO CONSELHO ULTRAMARINO COM RESOLUÇÕES RÉGIAS: O MARQUES DE CASCAES, PEDE LÇA PARA MANDAR TIRAR DO BRAZIL, MIL QUINTAES DE PAO JACARANDA / 1657 — DEZEMBRO — 24; 1658 — FEVEREIRO — 5 [A00_2384 p. 60].

Aqui entrou o dito Senhor Mestre de Campo Regente a deferir vários requerimentos, fazendo algumas composições[,] de que mandou lavar termo; sendo a mais *principal*[,] ùa contenda que trazia o dono da casa [...]. desconhecido (1988) [1704], [ENCONTRANDO QUILOMBOS] — TRANSCRIÇÃO POR MARIA FILGUEIRAS GONÇALVES E INTRODUÇÃO DE ANA LÚCIA LOUZADA WERNECK — NOTÍCIA DIÁRIA E INDIVIDUAL DAS MARCHAS [,] E ACONTECIMENTOS MA(I)S CONDIGNO(S) DA JORNADA QUE FEZ O SENHOR MESTRE DE CAMPO, REGENTE[,] E GUARDA(-)MOR INÁCIO CORRE(I)A PAMPLONA, DESDE QUE SAIU DE SUA CASA[,] E FAZENDA DO CAPOTE ÀS CONQUISTAS DO SERTÃO, ATÉ SE TORNAR A RECOLHER À MESMA SUA DITA FAZENDA DO CAPOTE ETC.ETC.ETC [A00_2319-002 p. 57].

[...] e desem guerra a todos que avia de cometer e que saise o que noso senhor fose serujdo e o dito capitão moor lhe Requerera a elle governador como pesoa *principal* da partee del Rey noso senhor [...]. desconhecido (1965) [1570], INSTRUMENTO DOS SERVIÇOS PRESTADOS POR MEM DE SÁ, GOVERNADOR DO BRASIL; SALVADOR, SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1570 (27) [A00_1599 p. 71].

[...] vêdo Martí afoço de Souza Jndio *pricipal* o q' o moço fizera (o moço se chamava Paulo Tobajara) Pregou polla aldeia de s. Lourêço o animo e esforço do moço que os pequeninos deitaraõ se na canoa como esmorecidos [...]. FRANCISCO SOARES (1966) [1591], COISAS NOTÁVEIS DO BRASIL — MANUSCRITO DECOIMBRA [A00_0065 p. 107].

2. Que está em primeira linha ou em primeiro lugar.

[...] o primeiro, que havia lido Guardião no lêu Convento da Paraíba; e o lêgundo da *principal* Nobreza do Braílil, e grande Theologo; e fêndo ambos de huma vida exemplar, e illuñtrados das mayores virtudes, deixaraõ bem canonizado, [...]. BERNARDO PEREIRA DE BERREDO (1749) [1718], ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHÃO — LIVRO II [A00_2514 p. 85].

[...] e asim os gos e gente *principal* quando vai ao choro os tem no collo como cousas de espanto q' asim o he alguñs tamgê e damcam s. viola, frautas 7 iun tas, crauo, e orgaõs e o q' lhes ensinam tudo tomam. FRANCISCO SOARES (1966) [1590], COISAS NOTÁVEIS DO BRASIL — MANUSCRITO DE MADRID [A00_0064 p. 9].

3. Que é fundamental, essencial.

[...] salvo algumas partes *principaes* que por grande honra, se dão aos hospedes mais honrados, as quaes elles levão muito assadas, de maneiras que não se corrompão, e sobre ellas depois em suas terras fazem festas e vinhos de novo. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III — INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL — ANNO DE 83, — OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA [A00_0751 p. 100].

4. O mais notável, saliente, importante.

Os *principaes* homens da terra vieram fazer obediência ao capitam l. e nos trouxeram muito mantimento e fizeram grandes festas e bailos, amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA [A00_0078 p. 47].

[...] mas asim dei hordem com que loguo se combateo a fortaleza de biraoaçu merin / grande *primcipall* e muito guerreiro [...]. desconhecido (1965) [1570], INSTRUMENTO DOS SERVIÇOS PRESTADOS POR MEM DE SÁ, GOVERNADOR DO BRASIL; SALVADOR, SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1570 (27) [A00_1599 p. 69].

1ª. datação [1500]

[...] pero omjilhor fruto que neela se pode fazer me parece que sera saluar esta jemte e esta deue seer *apincipal* semente que vosa alteza em ela deue lamçar. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA [A00_0335 p. 13].

principal² s.f.m.

1. Pessoa mais importante pela sua hierarquia ou pelo seu mérito.

O 2o caualro he qdo an de matar em terreiro os contros q' elle toma ou o pay da ao fo pa que mate e tome o nome a estas festas vê mtos de lôge cõ vos e qdo he tapuja ou *pricipal* vê de mto mais lôge [...]. FRANCISCO SOARES (1966) [1591], COISAS NOTÁVEIS DO BRASIL — MANUSCRITO DECOIMBRA [A00_0065 p. 93].

[...] mas asym como estauer dizem que deu ordem com que lloguo se combateo a fortaleza de hum *primcipall* per nome biraçuemerin e muito guerreiro [...]. desconhecido (1965) [1570], INSTRUMENTO DOS SERVIÇOS PRESTADOS POR MEM DE SÁ, GOVERNADOR DO BRASIL; SALVADOR, SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1570 (27) [A00_1599 p. 81].

2. O que é o mais importante.

[...] e sendo o dito Reo Manuel Nunes Paiua por todo requerido, e nam pagando será penhorado em tantos de seus bens quantos bastem para pagamento do *princpal*, e custas os quaes lhe serem vendidos, e arematados na forma da ordenaçam [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (1944) [1706], TESTAMENTO DE MANOEL NUNES PAIUA EM Q' DEIXA A ESTE CONVENTO POR HERDR.º EM P.TE DE SEUS BENS, COM OS ENCARGOS NELLE INSERTOS, E ASIM MAIS HUMA ESCRITURA DE VENDA DE HUÁS TERRAS DO A D.º DOMOZ LOPEZ E A SENTENÇA DE MANOEL ROIS SANCHES & [A00_1512 p. 109].

3. Prelado superior de um colégio, comunidade religiosa ou corporação.

E assy, os *principaes* costumão em suas práticos alegar com outros dizendo: “Não tem F. e F. a vida boa como nós [...]”. P. LEONARDO DO VALE (1956) [1562], CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AOS PADRES E IRMÃOS DE S. ROQUE, BAÍA 26 DE JUNHO 1562 [A00_0057 p. 65].

Finalmente, o critério semântico que permite registrar em entradas separadas, unidades lexicais que, embora tenham a mesma origem ou étimo, os seus significados bastante diferentes permitem considerá-las homônimas. Ilustra-se com os verbetes *serrote*¹ e *serrote*²:

serrote¹ *s.m.*

variante: serrota.

Pequeno monte ou serra.

No dia quarta-feira 16 prosseguimos a derrota, e passamos ãa *serrota*, na qual parece fazem fecho os morros, que vêm correndo ao sul, e ao norte da Boa Vista de leste para oeste, chegando-se cada vez mais para esta. AFONSO BOTELHO DE S. PAIO E SOUSA (1962) [1769], DIÁRIO E MARCHA DA COMPANHIA DE QUE É CAPITÃO ESTEVÃO RIBEIRO BAIÃO [A00_2294 p. 187].

1ª. datação [1751]

[...] Descobrirão em aSerra do Apudi hũ citio deterra de lavouras oqual querem aver p Datta esismaria pegando dehũ *serrote* q fica daparte doponente cujo *serrote* he baixo edepedras meudas correndo ao Sueste pello corgo q dezagoa para amata fresca [...]. desconhecido (1920) [1751], Nº 568 — DATA E SISMARTA DE ANDRÉ CORREIA DA CRUZ E MAIS COMPANHEIROS, DE TREZ LEGUAS DE TERRA NA SERRA DO APODI, CONCEDIDA PELO CAPITÃO-MÓR LUIZ QUARESMA DOURADO, EM 3 DE NOVEMBRO DE 1751 [A00_2464 p. 148].

serrote² *s.m.*

Serra pequena de uma lâmina, geralmente mais larga na extremidade em que tem um cabo; utensílio usado na carpintaria, marcenaria.

Constava o seu fornecimento de 8 armas de fogo, incluídas 4 já incapazes, 3 foices novas, 2 machados muito usados, 5 ferros de canõa, 1 *serrote* de mão, 2 verrumas de meia caverna [...]. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.ª PARTE: BAIXO RIO NEGRO — PARTICIPAÇÃO QUINTA: DE MOURA A AIRÃO [A00_2241 p. 560].

1ª. datação [1757]

Postas assim as estacas, e bem entesado o *serrote* para a parte da mola de fora, uma só pessoa da outra banda atraindo a si o *serrote* por meio de alguma pequena roldana em um contínuo vaivém; [...]. PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEXTA — DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS — CONTÉM INVENTOS ÚTEIS, E CURIOSOS PARA A MELHOR FAZENDO NAVEGAÇÃO PRÓSPEROS TODOS OS VENTOS AINDA OS MAIS PONTEIROS, E CONTRÁRIOS, E PARA FAZER NAS CALMARIAS BOA VIAGEM, COM NOVA INVENÇÃO DE REPESAR AS MARÉS, PARA MOEREM FÁBRICAS E INGENHOS DE MOTO CONTÍNUO, ACCRESCEM ALGUMAS OUTRAS IDÉAS DE INGENHOS MANUAES PARA SERRAR MADEIRA, FAZER AÇÚCAR, E MUITOS OUTROS NÃO MENOS CURIOSOS QUE ÚTEIS A VIDA HUMANA — CAP. 13º — DE ALGUMAS OUTRAS CURIOSIDADES SOBRE AS MESMAS, E OUTRAS ÚTEIS MATÉRIAS [A00_1976 p. 435-436].

4.3. Datação

Com relação à datação, ou seja, o documento mais antigo do banco de dados que registrou uma unidade-entrada, seguiu-se, rigorosamente, o que o banco de dados registrou. Entretanto houve casos em que a datação mais antiga apresenta a entrada com um sentido figurado, metafórico. Orienta a prática lexicográfica que num verbete ou artigo lexicográfico, o sentido figurado deve ter sempre o sentido denotativo também registrado, permitindo ao leitor um claro entendimento do significado metafórico. Neste caso, a solução encontrada foi registrar no final do contexto a datação, indicando que o conteúdo semântico mais antigo é o figurado. É o que se pode documentar com um clássico exemplo do Pe.Vieira, que abaixo vai transcrito:

banqueiro *s.m.*

variante: banqueyro.

Indivíduo que, durante a noite, fica encarregado da casa das caldeiras no engenho de açúcar.

[...] o Mestre do Açucar ganha todos os dias seiscentos e quarenta reis, e o *Banqueyro* tresentos e vinte reis. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], LIVRO TERCEIRO — PERNAMBUCO RENASCIDO /. CAP. XI—DESCRIPÇÃO DE HUM ENGENHO DE FAZER ASSUCAR. N. 80 [A00_0643 p. 176].

fig. Intermediário, negociador.

Dizei-me: Se no monte da Piedade de Roma, ou no banco de Veneza se déra a cento por um, houvera quem alli não metter a seu dinheiro? Pois os pobres são os *banqueiros* de Deus. Dá-se n'aquelle banco a cento por um, [...]. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1657], 3.º SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DA QUARESMA [A00_0899 p. 74]. (1.ª. datação)

O banco de dados não regista nenhum contexto onde a unidade *banqueiro* tenha o significado atual de “o que tem banco de commercio, ou faz negocio de banco, e que dá letras de cambio, desconta letras, e faz quaesquer outras operações bancarias”; (Silva, s/d, vol.1, p. 315). Todas as acepções registradas têm o significado de “indivíduo que, durante a noite, fica encarregado da casa das caldeiras no engenho de açúcar”.

4.4. Definição lexicográfica

Conforme consta da parte 2. deste artigo, onde está relacionada a tipologia das obras que constituiu o banco de dados, muitas obras tratam da flora e fauna brasileiras e a dificuldade de se definir uma planta ou um animal, seguindo os padrões adotados para construção da definição, não empregando terminologia científica, obrigou o redator a buscar nos mais diversos contextos as descrições que autores fizeram, escolhendo as diferenças específicas que a definição hiperonímica ou aristotélica indica. Assim, muitas das definições foram baseadas nos contextos. É o caso da entrada *tucano*, onde uma das acepções foi definida a partir do contexto, já que nenhum dicionário de língua portuguesa consultado como apoio para a definição, documentou tal significado.

tucano *s.m.*

variante: tocano.

1. Ave da América do Sul que possui bico grande e dentado, é preto com papo vermelho e amarelo; as penas das costas são azuladas e o rabo anilado.

Tocano- Tem o bico do tamanho do corpo; há de 4 especies: *Tocano* sú do tamanho de húa galinha pequena, preto pelas costas, o peito branco, o bico cõr de oiro: Outros menores, pretos com húa faixa encarnada plo peito: [...]. JOSEPH BARBOZA DE SAÁ (1999) [1765], [VIII]. NOTICIA DAS AVES, Q' SE CONHECEM NO BRAZIL, COM A DISTINÇÃO, E CIRCUNSTCAS DE CADA HÚA DELAS [A00_2215 p. 161].

2. Tambor feito de tronco de árvore, que fica suspenso em uma altura considerável e é tocado em ocasião de guerra ou em algum ritual.

Tem para isso um grande tambor feito do tronco de alguma árvore, o qual escavam por dentro a poder de fogo, e outros instrumentos, em lugar de ferro; e lhe fazem taes mestrias, [que soa] muito longe três, ou mais légoas. Para o tocarem, suspendem-no em dous esteios, ou grossas forquilhas, sustentado com cordas em uma trave de sorte, que não só fica no ar, mas não lhe há de tocar cousa alguma; só o tocam nestas ocasiões das suas guerras, ou quando querem fazer algúa matança de encurralados para codearem. Chamam *tocano* a esta caixa de guerra, [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE SEGUNDA — CAP. 9º — DAS GUERRAS DOS ÍNDIOS DO RIO AMAZONAS [A00_1840 p. 235].

1.ª. datação [1587]

Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas azulada, a das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miudo de finissimo amarello, o qual os indios esfolam para forro de carapuças. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DAS AVES (PARTE SEGUNDA — TITULO 10) [A00_0186 p. 264].

Ainda nesta linha de conduta metodológica, regista-se o caso do verbete *pescador*² que está em função adjetiva e que ilustra na expressão sintagmática *martim-pescador* o emprego do contexto como auxiliar na definição lexicográfica:

pescador² *adj.*

Que se dedica à pesca.

Continuei, em distancia de outra legua achei o rio Piuma, que tem uma povoação de indios *pescadores*, no qual se precisa de ponte ou barca; é fundo,e podem entrar brigues [...]. LUIZ THOMAZ DE NAVARRO DE CAMPOS (1866) [1808], NUMERO 28 — ITINERARIO DA VIAGEM QUE FEZ POR TERRA, DA BAHIA AO RIO DE JANEIRO, POR ORDEM DO PRINCIPE REGENTE, EM 1808, O DESEMBARGADOR LUIZ THOMAZ DE NAVARRO. (MS. INEDITO, OFFERECIDO AO INSTITUTO PELO SOCIO CORRESPONDENTE O SR. F. A. DE VARNHAGEN) [A00_0717 p. 456].

Expressão sintagmática

Martim-pescador

Ave ribeirinha, de porte pequeno e cabeça grande com penas.

Martim pescador, com o corpo menor, que hum palmo; cabeça grande, cristada de pennas, bico extenso, recto; nares junto a base; lingua curta, depressa, fina. Femores, e pernas curtas; [...]. FRANCISCO ANTÓNIO DE SAMPAIO (1971) [1782], MARTIM PESCADOR [A00_1752 p. 38].

4.5. Fraseologismos

Dentre as opções feitas para o DHPB, uma delas foi registrar as expressões sintagmáticas do tipo substantival, adjetival e verbal, em que a palavra-entrada é parte integrante da expressão. Em se tratando de um dicionário histórico, é de suma importância resgatar tais unidades, pois muitas delas estão ainda em uso e outras já entraram em desuso. A grande maioria dos verbetes registra uma ou mais expressões; um exemplo importante é o verbete *açúcar* e sua variante *assucar* que apresenta um número representativo de expressões que, na Terminologia, certamente poderiam ser considerados termos, pois se referem a procedimentos de plantio, cultivo ou mesmo comercialização do açúcar no período colonial. Compõem o verbete *açúcar* as expressões: *açúcar branco*, *açúcar cãndi*, *açúcar candil*, *açúcar de cara fechada*, *açúcar de cara quebrada*, *açúcar macho*, *açúcar mascavado*, *açúcar rosado*, *pão-de-açúcar*. Todas estas expressões estão definidas e vêm acompanhadas do respectivo contexto. Ou ainda o verbete *mal* que registra as expressões: *mal da bicha*, *mal da gota*, *mal de bexiga*, *mal de lepra*, *mal de Luanda*, *mal de morfêia*, *mal francês*, *mal venéreo*, *achar-se mal*, *dizer mal*, *estar mal*, *estar mal com*, *fazer mal*, *querer mal*, *ter a mal*. Todas elas estão definidas e abonadas com os contextos. Das expressões acima referentes a *açúcar* e *mal*, transcrevem-se abaixo as seguintes:

Açúcar de cara fechada

Pão de açúcar consistente, o qual não se quebra com facilidade

Logo fe lhês bota o Alũucar por Temperas, como já temos dito; o qual no espaço de tres dias endurece diverſamente, hũ mais, outro menos: & ao q´ mais fe endurece, & difficultoſamente fe quebra, chamaõ Alũucar de *cara fechada*; & ao que facilmente com qualquer pancada fe quebra, chamaõ Alũucar de *cara quebrada*. ANDRÉ JOÃO ANTONIL (1711) [1711], LIVRO III — CAPITVLO I — DAS FORMAS DO AILUCAR, E SUA PAIAGEM DO TENDAL PARA A CAIA DE PURGAR [A00_2578 p. 76].

Pão-de-açúcar

Açúcar resfriado no tendal das primitivas casas de engenho, depois de clareado na casa de purgar, era posto em longas formas dentro das quais tomava consistência resultando um bolo, donde o seu nome.

[...] que o lavrador será obrigado a plantallas de cannas que não poderá moer mais do que no Engenho do proprietario que pelas moer lhe pertence a metade do assucar que produzirão, além do que lhe ha da de dar mais daquella metade e com que ficou hum *pão de assucar* por cada quinze: e isto pela renda da terra [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], CARTA QUINTA [A00_0407 p. 182].

Mal de bexigas

Doença febril, contagiosa, com erupção cutânea de pústulas.

[...] pelos quaes souberão que estava muita gente junta, assim Potiguares como Francezes, em seis cercas muito fortes, pera virem dar sobre os nossos, e os matarem, e se já o não tinham feito era porque adoecião, e morrião muitos do *mal de bexigas*. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], LIVRO QUARTO — DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNO MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPARE DE SOUZA — CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO — DE COMO MANOEL MASCARENHAS HOMEM FOI FAZER A FORTALEZA DO RIO-GRANDE, E DO SOCCORRO QUE LHE DEO FELICIANO COELHO DE CARVALHO [A00_2062 p. 155].

Fazer mal

Causar dano ou prejuízo.

[...] pregava-lhes cada dia: e vinham de 5 leguas as mulheres com os seus filhos às costas, por frios grandissimos, fomes e muitos trabalhos, a baptizar-se; e ainda agora lhês parece que *fazer mal* a um cristão é o maior mal que se pode fazer. IRMÃO ANTONIO RODRIGUES (1936) [1553], ANTONIO RODRIGUES, SOLDADO, VIAJANTE E JESUITA PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL, NO SECULO XVI — CÓPIA DE UMA CARTA DO IRMÃO ANTONIO RODRIGUES PARA OS IRMÃOS DE COIMBRA [A00_0934 p. 69].

Para além dessas, outras mais foram registradas e que são mais populares como: *pregar no deserto*, *virar a casaca*, *dourar a pilula*, *pagar o pato*, *chupar o dedo*, *fechar os ouvidos*, *ficar no tinheiro*, *passar revista*, *aguentar a bucha*, *meter a foice em seara alheia*, *senhor de açougue e cutelo*, ou ainda *falar aos cotovelos*, numa forma variante da atual *falar pelos cotovelos*, ou *estar na prancha da língua* ao invés da usual *estar na ponta da língua*; e uma infinidade de outras que foram resgatadas do banco de dados e ilustram os verbetes.

Meter a foice em seara alheia

Entrometer-se em algo.

Tudo o que tenho dito, não he por *meter a fouce na feara alheya*, mas lim he para remediar alguns enfermos, que viverem metidos pelos matos das Minas, aonde nao he pollível chegar Medico, nem Cirurgiaõ perito. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E IJAS OBIERVAÇOENS [B00_0029 p. 54].

Senhor de açougue e cutelo

Homem prepotente que dispõe da vida das pessoas.

D'estes missionarios, de quem acabamos de fazer com extensão o caracter, ha bastantes, a quem costumamos chamar *senhores de açougue e cutelo*. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (CONTINUAÇÃO DO TRIMESTRE ANTECEDENTE) [A00_0744 p. 335].

Falar aos cotovelos

Falar muito.

[...] e os meus oppostos acreditarám ouvindo a Bernardo de Silveira, e ao seu Patrão, que em Lisboa *fallarâm the aos cotovelos*, e diram que nesta Capitania digo Companhia dos Diamantes andão de meu consentimento trabalhando settecentos Negros [...]. GOMES FREIRE DE ANDRADE E RAPHAEL PIRES PARDINHO (1964) [1740], DOCUMENTO V. RESPOSTA DAS DUAS CARTAS SUPRA [A00_1446 p. 135].

Estar na prancha da língua

Estar pronto para ser dito.

Metterá a lingua a thesoura, e sem tomar as medidas á verdade, vós lhe cortareis de vestir. Porque cuidaes que se dizem tantas coisas mal feitas? Porque se fizeram? Não, que a mim me consta do contrario. É porque se imaginaram; e tanto que vieram á imaginação, já *estão na prancha da lingua*. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1654], 2.º SERMÃO DA QUINTA DOMINGA DA QUARESMA [A00_0900 p. 165].

O resgate que o DHPB faz de inúmeras unidades lexicais dos tipos apresentados em 4.5. revelam o caráter conservador da língua no emprego de unidades dessa natureza. Se muitas delas não são mais usadas, outras há que continuam sua dinâmica na mesma forma ou em forma variante, guardando o mesmo significado.

5. Conclusão

As ferramentas computacionais que estão à disposição da Lexicografia, atualmente, têm permitido que a construção de dicionários, de mais variado tipo, seja baseada em documentos que possam comprovar o uso dessa ou aquela unidade do léxico em diferentes épocas.

Empregando tais ferramentas, o projeto do *Dicionário Histórico do Português do Brasil — séculos XVI, XVII e XVIII* construiu um banco de dados exclusivamente para ele, e este banco com a ajuda do programa *Philologic*, permitiu que dezenas de possibilidades de se analisar o léxico nele contido pudessem ser feitas. Desta forma, tudo o que pôde e ainda poderá ser recuperado dos textos, permitirá que o DHPB continue ainda mais a ampliar a sua nomenclatura. Entretanto, cabe ao lexicógrafo a tarefa de, criteriosamente, organizar a nomenclatura de acordo com o tipo do dicionário e a partir dos dados, construir o verbebe, obedecendo um princípio teórico e metodológico estabelecido para ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bosque, Ignacio (1982): "Sobre la teoría de la definición lexicográfica", *Verba* 9, 105-123.
- Castillo Carballo, M^a Auxiliadora (2003): "La macroestructura del diccionario", in Antonia M. Medina Guerra (coord.), *Lexicografía española*. Madrid: Ariel, 79-101.
- Dubois, Jean / Claude Dubois (1971): *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Librairie Larousse.
- Garriga Escribano, Cecilio (2003): "Microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas", in Antonia M. Medina Guerra (coord.), *Lexicografía española*. Madrid: Ariel, 103-126.
- Haensch, Günther (1982): "Tipología de las obras lexicográficas", en Günther Haensch et alii, *La Lexicografía. De la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica*. Madrid: Gredos, 95-187.
- Imbs, Paul (1960): "Au seuil de la lexicographie", *Cahiers de Lexicologie* 2, 3-17.
- Porto Dapena, José Álvaro (2002): *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros.
- Rey-Debove, Josette (1984): "Léxico e Dicionário" (trad. Clóvis Barleta de Moraes), *Alfa* 28 (suplemento), 45-69.
- Silva, Antonio de Moraes (s/d): *Diccionario da língua portuguesa*, 9 ed. Lisboa: Editora Empreza Literaria Fluminense de Santos, Vieira & Commandita, 2 vol.
- Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009³). São Paulo: Editora Globo.